

Corporalidades em fluxo nos trilhos da prostituição: uma etnografia das travestis e transexuais num bairro periférico de Fortaleza¹

Francisco Tiago Costa de Castro – LEV/UFC

Leonardo Damasceno de Sá – LEV/UFC

Resumo:

Na vida diária de um bairro periférico da zona oeste de Fortaleza, quando anoitece, mulheres, travestis e transexuais desfilam em exposição numa área próxima da estação ferroviária, conhecida popularmente como "trilho". Trata-se de uma área estigmatizada como lugar de prostituição, práticas de assaltos e também homicídios. Dessa forma, parte dos moradores e passantes, além dos agentes policiais e outras instâncias de controle social, classificam as pessoas que fazem ponto nesses locais como perigosas, o que se torna uma marca decisiva para as ações de gestores públicos no modo como lidam ou ignoram as demandas provenientes das pessoas dessa territorialidade em conflito. O objetivo deste paper é descrever e analisar as corporalidades das travestis e transexuais a partir de suas falas no universo da prostituição do "trilho", no modo como elas se imaginam nesse enfrentamento cotidiano às práticas de divisão a que estão assujeitadas, mas contra as quais desenvolvem agenciamentos próprios de poder e desejo, o que se expressa simbolicamente em suas imaginações, desejos e medos. Argumentamos a favor de uma compreensão acerca das zonas de meretrício de travestis e transexuais para que estas sejam percebidas não apenas como lugar de trabalho sexual e sim como espaços de visibilidade, sociabilidade e aprendizado dos processos de construção do corpo das travestis no espaço público. Dessa forma, privilegiamos uma opção teórico-metodológica que procura apreender os fenômenos sociais através do corpo, sendo este o acesso e o significado do mundo social. Os dados foram produzidos por uma pesquisa etnográfica em andamento com as travestis e transexuais que fazem ponto no "trilho", além de uma gama de atores sociais que espacializam suas ações nesse lugar. No "trilho" foram encontradas travestis e transexuais em diferentes estágios de transformação corporal, desde "traveção" a "barbie". Algumas delas trazem em seus corpos sinais de violência que permeia o cotidiano de quem vive da prostituição de rua. Tal violência se manifesta de diferentes formas e envolve outros indivíduos. Logo, ao mesmo tempo em que esse território se constitui num espaço onde se aprende os métodos e técnicas de transformação do corpo, as formas corporais classificadas por elas como mais apropriadas, e onde se validam os seus desejos de transformação corporais, é também o lugar de estigma, de desvalorização, de marginalização, tendo em vista que nos discursos de outros indivíduos não há qualquer referência que as valorizasse enquanto cidadãs. Tal percepção se coloca como desafio à gestão pública, no sentido de garantir o acesso serviços e programas sociais, tendo em vista que as

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

transformações que elas fazem sobre o corpo são realizadas à margem dos sistemas de saúde, por exemplo.

1. Introdução

"Joga pedra na Geni! Joga pedra na Geni! Ela é feita pra apanhar! Ela é boa de cuspir! Ela dá pra qualquer um! Maldita Geni!

[...]

Vai com ele, vai, Geni! Vai com ele, vai, Geni! Você pode nos salvar! Você vai nos redimir! Você dá pra qualquer um, Bendita Geni!"

(Trecho da música Geni e Zepilim de Chico Buarque de Holanda)

Tida popularmente como a profissão mais antiga do mundo, a prostituição é também uma das mais marginalizadas e as profissionais que a exercem são alvos de constante discriminação, violência e abuso na maioria das instâncias. Submetidas à imposição dos valores morais e/ou religiosos de uma maioria intolerante, o pânico moral em torno da prostituição tem implicado a uma correspondente criminalização das profissionais do sexo. Quando a atividade está associada à transexualidade e travestilidade, tal criminalização ganha mais força, tendo em vista que enquanto as mulheres cisgêneras, de uma forma geral, são vistas como vítimas por estarem realizando essa atividade sem pleno grau de satisfação, mas por, talvez, necessidade financeira (imagem essa que se contrasta com a pretensa natureza demoníacas a que algumas cisgêneras são olhadas, sendo, portanto, figura controversa, como representada na epígrafe dessa secção introdutória), travestis e transexuais são duplamente discriminadas tanto por se prostituírem, como por violarem o sistema de sexo e gênero.

O foco principal dos estudos acadêmicos sobre travestis e transexuais tem sido posto no gênero. São discutidas as questões que envolvem a ambiguidade de gênero (BENEDETTI, 2005; CARDOZO, 2007; PERES, 2010; SILVA, 2007); sobre o que é ser travesti e suas variações (ARRILHA, LAPA, PISANESCH, 2010); sobre a patologização do gênero, saúde, juridicalização e medicalização como forma de controle e adestramento dos corpos desviantes, os processos e protocolos de cirurgias de redesignação sexual (PERES, 2010; SILVA, 2007). Por fim, elencam-se os estudos que

relacionam travestis e transexuais com processos de exclusão, prostituição, crime e uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas (ANDRADE, 2012; CARVALHO, 2011).

Ainda que a violência no campo da prostituição de travestis e transexuais tenha sido objeto de múltiplas pesquisas, a tomaremos apenas como objeto transversal da pesquisa, uma vez que nos concentraremos na construção social e simbólica dos corpos de travestis e transexuais engajadas nessa atividade.

O elemento condutor deste exercício é o diálogo entre o que Bourdieu (2007) chama de *habitus*, bem como os seus mecanismos de produção e reprodução, e suas relações com os processos de *construção social dos corpos*. A partir desse conceito, esta pesquisa pretende pensar na prostituição como *habitus*, que constroem os corpos das travestis e transexuais em atividade prostituinte, onde tais corpos são moldados pelas condições materiais e culturais, sujeitos a um processo de socialização. Contra a construção de universalizações da experiência de cada sujeito participante dessa pesquisa, faremos, ainda, a interlocução com a Teoria das Performances, propostas por Butler (2001; 2002; 2003), que reconhece a importância das construções sociais e culturais na constituição do mundo, como proposta pela análise praxiológica bourdieusiana, mas vai mais além, sistematizando a construção e as possibilidades de deslocamento das relações de poder baseadas na sequência causal naturalizada: sexo – gênero – desejo – prática sexual, para compreender as ações, articuladas nas possibilidades de mudança do gênero, desvinculadas ao referente biológico.

Assim, tomando o corpo como uma forma de acesso e significado do mundo social, apreendendo os fatos sociais por meio deste, tal exercício se dá a partir de observações das interações entre travestis e transexuais em atividades de prostituição de rua, tanto com outras travestis e transexuais como com não travestis na cidade de Fortaleza, Ceará, orientando-se pelas questões: Como travestis e transexuais que estão em atividade de prostituição em via pública constroem seus corpos? Como elas são construídas? Que diferentes posições elas ocupam no espaço a partir de seus corpos?

O objetivo deste paper é descrever e analisar as corporalidades das travestis e transexuais a partir de suas falas no universo da prostituição do "trilho", no modo como elas se imaginam nesse enfrentamento cotidiano às práticas de divisão a que estão assujeitadas, mas contra as quais desenvolvem agenciamentos próprios de poder e desejo, o que se expressa simbolicamente em suas imaginações, desejos e medos.

A condução metodológica foi orientada pela pesquisa etnográfica. A coleta de informações foi realizada com base em entrevistas e observações conduzidas em um

território de prostituição conhecido na cidade de Fortaleza: o chamado "trilho", localizado em um bairro da periferia na zona oeste da cidade. Foi encontrado um pequeno grupo de quatro travestis/transsexuais no cruzamento das avenidas Theberge e Teodomiro de Castro (onde a linha ferroviária passa por cima da avenida Theberge) e um outro grupo de três travestis/transsexuais no cruzamento da Avenida Theberge e Rua Assunção, a uma quadra do trilho. Na estada em campo foi entrevistada uma travesti que já atuou na prostituição de rua na localidade, uma funcionária do posto de saúde e nove moradores, sendo que as vozes desses últimos foram importantes no sentido de entender a leitura que fazem dessa realidade.

Tratadas essas considerações preliminares, segue uma discussão teórica para o entendimento das possíveis relações existentes entre *habitus* e construção social dos corpos. Posteriormente são apresentados os apontamentos observados no campo, evidenciando os muitos aspectos do que os corpos das travestis e transexuais comunicam, bem como o que elas interpretam sobre o modo de ser das travestis em um contexto de prostituição de rua. Ao final, aponta-se que, de modo geral, ao mesmo tempo em que esse território se constitui num espaço onde se aprende os métodos e técnicas de transformação do corpo, as formas corporais classificadas por elas como mais apropriadas, e onde se validam os seus desejos de transformação corporais, é também o lugar de estigma, de desvalorização, de marginalização, tendo em vista que nos discursos de outros indivíduos não há qualquer referência que as valorizasse enquanto cidadãs.

2. Da construção social do corpo à construção da corporalidade: notas iniciais do marco teórico da pesquisa

A antropologia/sociologia de Pierre Bourdieu nos permite realizar uma leitura da complexidade do mundo social utilizando como instrumentos as práticas das ações humanas. Sua teoria impulsionou e inovou os estudos nas ciências sociais (sobretudo na sociologia e na antropologia) quando defende a praxiologia como uma opção de análise da realidade, que por sua vez é capaz de fazer reflexões sobre diversas e distintas sociedades, pois o autor compreende que as condições objetivas de existência são concretizadas através das ações e atividades humanas, por meio de práticas desempenhadas pelos agentes nas múltiplas situações e condições de existência.

Um primeiro aspecto importante da práxis antropológica/sociológica de Pierre Bourdieu é a importância que o autor dá as relações sociais, considerando que esse social não é substancial, essencialista, explicados em si e por si mesmos e sim que se apresentam como produtos de relações objetivas invisíveis e ocultas, inscritas na materialidade das práticas e no universo das obras. Entendendo melhor, o substancialismo/essencialismo estaria propenso a ver uma prática social qualquer como propriedades inerentes a esses grupos e não como "propriedades que lhes cabem em um momento dado, a partir de sua posição em um espaço social determinado e em uma dada situação de oferta de bens e práticas possíveis" (BOURDIEU, 1996, p.18), como prevê o modo relacional. Assim sendo, Bourdieu nos fornece os fundamentos que rompem com a chamada ideologia da vocação, pois a partir desse olhar de que o social é relacional, é que se tornou praticamente impossível compreender os mecanismos de distinção, de desigualdades como fruto das diferenças naturais entre os indivíduos.

Como crítico de uma visão substancialista e essencialista da realidade social, Bourdieu (2010) também versa sobre o essencialismo biológico responsável pela produção e reprodução dos princípios de visão e divisão sexual em sua obra *A dominação masculina*. Sempre questionador e polêmico, Bourdieu aborda esse controvertido tema, buscando ver como essa estrutura de dominação se estabelece, se naturaliza e assim se eterniza, e não é vista como parte de um processo histórico e como tal está passível de mudanças. Tais mudanças esbarram num trabalho incessante, igualmente histórico, de reprodução pelos homens e instituições, lugares de elaboração e imposição de princípios que fundamentam um acordo das estruturas sociais e cognitivas e se reforçam com a violência simbólica, pela quais estratégias e práticas determinam a construção social dos corpos e fazem do corpo uma realidade sexuada e depositário dos princípios de visão e divisão sexualizantes.

Recorrendo a uma estratégia de objetivação, em como as estruturas de dominação da ordem social masculina se estabelecem na sociedade cabila, o autor percorre as estratégias e práticas que determinam a construção social dos corpos e resultam na incorporação da dominação; a violência simbólica que se institui quando o dominado só dispõe para pensar a dominação de instrumentos ou classificações naturalizados que seu ser social é produto; a posição da mulher na economia de bens simbólicos, com o apoio da família e da Igreja, guardiãs do capital simbólico; as constantes ocultas que geram um "natural" construído, de escolhas orientadas, que tem o masculino como medida de todas as coisas e a própria ordem social como imensa

máquina simbólica, que ratifica a dominação masculina na divisão social do trabalho e na divisão do trabalho sexual, na estruturação do espaço, do tempo e do corpo.

Ao analisar a construção social dos corpos, Bourdieu (2010) destaca,

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraíza na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, como divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (p.19)

Bourdieu faz uma importante análise do processo de construção social do corpo como uma "socialização do biológico" ou uma "biologização do social" (p.9) como uma construção social naturalizada, que fundamenta a divisão arbitrária da realidade e de suas representações sociais em função das diferenças da anatomia sexual, da inteligência, na natureza (temerosa/agressiva) e das diferenças mentais e comportamentais.

Para o autor, a construção social dos órgãos sexuais registra e ratifica simbolicamente certas propriedades naturais, como a procriação, convertendo a arbitrariedade em necessidades da natureza, ressaltando que as aparências biológicas, por meio de um longo trabalho de socialização do biológico e de biologização do social, que definiram os gêneros como *habitus* sexuados.

Por meio de uma síntese da tradição fenomenológica, propensa a priorizar a atividade propriamente produtora da consciência (representação dos agentes), e a tradição estruturalista, a teoria bourdieusiana aborda as práticas mediadas pelo *habitus*, "princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco" (BOURDIEU, 2007, p. 21 e 22). O *habitus* é um princípio gerador porque é um sistema socialmente disponível de esquemas de pensamento, de percepção e apreciação, que são produto e condição da posição social ocupada pelo agente. Ou seja, mediante a sua experiência cotidiana, com

base em sua posição social, o agente constrói determinadas configurações mentais que funcionam como princípios de avaliação e classificação das coisas do mundo. Suas práticas se dão em conformidade com essas configurações mentais e com as disposições corporais a elas adequadas.

A noção de *habitus* engloba, portanto, o corpo, enquanto disposição, passa a orientar as práticas corporais que traduzem uma maneira de ser e estar no mundo. Nas palavras de Bourdieu (2007), “é preciso um corpo para existir no mundo, para ser incluído no mundo, mas segundo um modo de inclusão material e espacial” (p. 165). Reconhecida como a sua maneira de ser, o agente não consegue perceber que grande parte do investimento no corpo que visa a sua construção socializada é responsável por determinar sua posição no espaço social. O corpo é um produto social desde as dimensões de sua conformação visível, que tem a ver com o *habitus*, derivados de condições sociais, até na forma de se portar e se comportar, em que se expressa toda a relação com o mundo social. Os investimentos no corpo e suas posturas são princípios de atuação de poder.

A partir do conceito de *habitus*, Bourdieu (2010) explica, portanto, a produção e reprodução dos gêneros e a persistência das relações de dominação entre eles. A subjetividade de gênero, corporificada, estruturada internamente e expressas em posturas masculinas ou femininas (experiência individual) é continuamente realimentada e reforçada pela objetividade da realidade social, ou seja, pela organização social baseada em divisões de gênero (experiência histórica).

Essa contextualização nos permite formular a seguinte questão: se esta determinação classifica os indivíduos em duas classes ou realidades sociais, como podem existir representações que ultrapassem o sentido de ser e exercer a função de homem e mulher? Ou se feminilidade não é necessária e naturalmente ligada a construção cultural de um corpo feminino e nem masculinidade é necessária e naturalmente ligada a construção cultural do corpo masculino; e se nem masculinidades são coladas aos homens e nem são privilégios de homens biologicamente definidos como explicar as performances de gênero que excedem os limites do binarismo masculino e feminino?

O conceito de *habitus* permite adaptações a situações concretas. A prática do agente social é o produto da relação dialética entre uma situação e o *habitus*. No momento da ação, o agente social exterioriza uma leitura “própria” da situação vivida, o que o torna, ao mesmo tempo, portador de uma personalidade individual e de um

habitus social, contribuindo para construir uma situação. A permanente interpretação e negociação com a ordem construída socialmente faz com que cada ato esteja inserido em um campo mais amplo, por meio da evocação de alteridades explícitas e implícitas.

Os sistemas de disposições individuais são variantes do *habitus* social que o indivíduo reestrutura no convívio com outros *habitus*. O que para Butler (2010), quando se fala de performance de gênero e na capacidade de o agente atuar interpretando as normas, está se afirmando que os sujeitos têm margens de interpretação e que há espaços para a produção de contradiscursos, que é talvez o princípio organizador das subjetividades.

Tanto para Bourdieu (1996; 2007) como para Butler (2003), a vida social e os processos de construção das subjetividades são forjadas e efetivadas mediante a prática social. Para a filósofa, o conceito de gênero cabe à legitimação dessa ordem, na medida em que seria um instrumento exposto principalmente pela cultura e pelo discurso que inscreve o sexo e as diferenças sexuais fora do campo do social, isto é, o gênero aprisiona o sexo em uma natureza inalcançável à nossa crítica e desconstrução.

Dessa forma, para a autora, o papel do gênero seria produzir a falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias que produzem um discurso, leva à manutenção da tal ordem compulsória. Tal manutenção se dá pela repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural, que reforçariam a construção dos corpos masculinos e femininos tais como nós os vemos atualmente. Trata-se, portanto, de uma questão de performatividade. Para Butler, gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados (PISCITELLI, 2002).

Para dar um fim à lógica da matriz heterossexual, que tende à reprodução, Butler destaca a necessidade de subverter a ordem compulsória, desmontando a obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo, “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado, tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos.” (BUTLER, 2003, p. 25).

Mesmo havendo algumas concordâncias entre os dois teóricos, a Teoria das Performances elaborada por Butler dá maior espaço para as ações e interpretações individuais, ou onde o sujeito se põe ou é posto na realidade social, isso porque o conceito de ato performativo sugere que as normas, as regras, as estratégias e as pautas são até repetidas pelos atores, mas não universalizadas. Contraponto a ideia de apego à

norma, compactuando com o discurso foucaultiano de que as relações de poder que nos constituem sempre produzem, como efeito, a possibilidade de ir contra às formas de dominação legitimadas, Butler (2001; 2002) fala dos processos resistência a partir da construção dos gêneros. A resistência é contemporânea às relações de poder. Assim, as práticas podem ser repetidas nos atos performativos dos agentes, mas a repetição não significa autenticidade, mas sim, probabilidades e novas possibilidades.

A partir da articulação de *habitus* à categoria gênero e sexualidade, a teoria bourdieusiana pode nos levar a imaginar que os atos que fazem os corpos são experiências compartilhadas pelas significações culturais, sendo atos ao mesmo tempo coletivos e individuais. No entanto, a produção desse corpo (como parte importante da performance) é múltipla e diversa, numa perspectiva butleriana. A partir disso, podemos entender a corporalidade como a expressão criativa e consciente do conjunto das manifestações corporais historicamente produzidas, que pretendem possibilitar a comunicação e interação de diferentes indivíduos com eles mesmos, com os outros, com o seu meio social e natural, ou seja, é uma maneira de ir se fazendo, se tornando, se dramatizando e reproduzindo uma realidade social. Pode nos levar ainda a imaginar que as práticas tidas como subversivas (a transexualidade e a travestilidade nesse contexto) deriva um emaranhado de posicionamentos controversos na mentalidade de diferentes agentes sociais, pois o reconhecimento dessas práticas significaria uma possibilidade de desmantelamento e supressão da ordem (a heterossexualidade cisgênera), em que o contexto social, como o pesquisado, são marcados pela ótica binária sexual, em que ou se é macho/homem ou fêmea/mulher, ou seja, construções sociais que só podem ser resultantes dessa denotação biológica. Esta visão, somada as condições locais, impregnam de maneira negativa outras possibilidades de representações de gênero.

3. Uma etnografia das travestis e transexuais do “trilho”

Fortaleza é uma cidade cortada pelos trilhos do trem desconhecido por muitos. Próximos a eles, vidas nascem, se criam e morrem. O cotidiano é marcado pela hora que o trem passa, vai passar ou já passou. Esta é a realidade de famílias que vivem às margens da única via férrea em funcionamento na cidade, a Linha Oeste, que parte da estação João Felipe, no centro da cidade, e segue até Caucaia, município da Região Metropolitana.

Amontoados de casas vão surgindo à medida que o trem ganha velocidade. Uma de frente para os trilhos, outras de costas. Crianças ainda ficam paralisadas ao vê-lo trafegar. Já algumas pessoas nem olham mais para ele que passa tantas vezes a sua porta. Bem perto dos trilhos, além do acúmulo de lixo, rodas de amigos se forma, times joga futebol e cachorros correm na tentativa de alcançar os vagões.

Do lado de dentro do veículo, a vida parece passar mais rápida, os pensamentos voam com a velocidade que o trem vai ganhando. Já nas ruas, a impressão é que a vida não tem o mesmo ritmo do veículo. Pessoas nas calçadas observam os vagões ou se afastam dos trilhos para seguirem viagem.

Em uma época em que se discute a modernização do transporte público ferroviário, essa parte da cidade ainda convive com o passado, um pouco modernizado, é verdade, mas que antigos costumes continuam presentes para quem se relaciona com esses lugares. O futuro da linha Oeste é um tanto incerto. Contudo a possível retirada dos trens deixará saudades para alguns e nem tanto para outros. A relação estabelecida entre eles e aqueles que moram próximo a sua passagem é de amor e ódio.

O trilho se torna lugar das lembranças de um tempo que não volta mais, como relatado por D. Terezinha de 79 anos, moradora do Álvaro Weyne a mais de 50, "A estação era a coisa mais linda do mundo. Era a entrada do bairro. Que foi abandonada e hoje está cheia de lixo, sem cuidado",

A cada apito que anuncia a chegada de mais um trem surge na memória de Josely, de 40 anos, a memória do pai ferroviário, já falecido. Assim, a professora que mora desde que nasceu à margem dos trilhos no bairro Álvaro Weyne, relembra os momentos que tivera ao lado do pai, "Eu não tenho como descrever o que eu sinto quanto escuto o este barulho. Eu lembro o que meu pai me ensinou. É uma mistura de saudade com orgulho", afirma.

Já ao fim da Avenida Teodomiro de Castro, quase no cruzamento com a Avenida Dr. Theberge, uma casa se destaca, por ser a única que está presente. É uma casa amarela localizada em um "triângulo" onde nas extremidades estão dois trilhos se separam: um em direção a "REFESA", antiga empresa pública que era responsável pela gestão desse serviço, e outra em direção a Caucaia. O dono da residência é o "seu" Odilardo, de 77 anos, que também vai relembando as suas histórias "Era um tempo muito bom. Hoje essa linha não existe mais. Os trens estão modernos. Mas, mesmo assim, não esqueço das minhas idas e vindas naqueles trens, onde tínhamos direito até a restaurante".

O barulho é um dos principais problemas de quem vive a sua margem, como nos relata o "seu" Mané, aposentado de 73 anos "O barulho incomoda bastante. Quando o trem passa treme até a casa."

Essas são as memórias que animam os períodos matutinos e vespertinos de quem vive as margens do "trilho" no bairro do Álvaro Weyne. Quando anoitece o cenário local muda totalmente. O fluxo de pessoas transitando a pé ou em veículos diminui. Os pontos de ônibus, que durante a manhã e a tarde sempre estão movimentados, ficam desertos. A iluminação é precária.

No período da noite, "vagabundos" ocupam o espaço para práticas de assaltos e também homicídios. É neste período também que travestis e transexuais desfilam em exposição na área próxima da estação ferroviária, conhecida popularmente como "trilho".

Hegemonicamente, a prostituição é vista como uma atividade que visa ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais e a exploração de prostitutas. Piscitelli (2005) considera que essa definição, ao se concentrarem na ideia prática que necessariamente assume a forma de um contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro, deixa de lado outros tipos de interação onde tal troca está implícita.

Quando associamos prostituição e travestilidade/transexualidade, concordamos com Benedetti (2005), ao afirmar que a prostituição não pode ser vista apenas em função do intercâmbio monetário, pois é na convivência nos territórios de prostituição que as travestis e transexuais incorporam os valores e formas do feminino, que tomam conhecimento dos truques e técnicas do cotidiano, conformam gostos e preferências e muitas vezes ganham ou adotam um nome feminino, sendo um dos mais importantes espaços onde as travestis constroem-se corporal, subjetiva e socialmente.

Em seu trabalho etnográfico, Pelúcio (2005) constata que a prostituição é entendida de diversas formas pelas travestis e transexuais: como atividade que lhes confere um desprestígio social, executando-a apenas por necessidade, saindo assim que possível; como forma de ascender socialmente e ter conquistas materiais e simbólicas, e; como trabalho, sendo, portanto, geradora de renda e criadora de um ambiente de sociabilidade. A autora destaca ainda que essas posições não são estanques, que são pontos de vistas e percepções que se cruzam e inter cruzam, como podemos verificar na experiência de Pâmela (19 anos), uma de nossas interlocutoras que já frequentou o trilho, quando mais jovem.

“Quando eu comecei, eu tinha 17 anos. Ainda nem tinha colocado peito, nem perna. Eu me vestia de mulher e ia. Fazia isso porque queria ter o meu dinheiro para comprar as coisas que eu precisava e gostava. Porque meus pais, como não aprovavam não me davam nada que eu queria. Foi lá no trilho que aprendi muita coisa. E que conheci uma amiga que foi pra São Paulo e depois fui pra lá. Lá eu consegui mais dinheiro. Trabalhava e guardava. Juntando o que trabalhei por um ano, eu pude fazer a cirurgia.”

A necessidade de ter um corpo feminino e de se vestir e se comportar como mulher entre travestis e transexuais tem certamente relação com a prostituição. Mas como afirma Garcia (2007) o corpo almejado não é o corpo que as mulheres mais comumente possuem em nossa sociedade, e sim um corpo onde as características corporais femininas sejam mais ressaltadas. Onde seios, nádegas e coxas são trabalhadas de forma a se tornarem o mais volumoso possível. As roupas, os penteados e os cortes de cabelo são escolhidos em função do corpo, para que se possa exibir o poder de sedução.

Antes de adentrar no campo propriamente dito, conversamos com Pâmela, uma jovem de 19 anos de idade, que nos contou que foi a partir da prostituição que ela conseguiu fazer as transformações desejadas, tornando-se essa mulher com formas definidas. Revelou-nos que quando frequentava o trilho ainda era “gayzinho”, categoriaêmica dada a elas quando mais jovens, pois tinha formas ainda muito masculinas. O acesso aos clientes se dava em função de sua idade. Mesmo muito jovem, ela foi para São Paulo, que segundo ela “eles valorizam mais esse tipo de trabalho”, em função dos maiores rendimentos. Conta que lá era considerada “traveção” por suas formas corporais masculinizadas, ainda que tenha adquirido muitas técnicas e truques no trilho. Atualmente Pamela não frequenta mais a rua. Devido às transformações que ela realizou, os seus programas são negociados por meio de um portal na internet.

“Depois que a gente se torna 'barbie', é muito mais difícil voltar pra rua. É como se a gente crescesse dentro da profissão, um tipo de promoção. Não preciso mais me arriscar de ir até o trilho pra poder conseguir os meus clientes. Pago uma taxa pra manter um perfil num portal da internet que tem meu telefone e fotos e assim consigo o meu dinheirinho.”

Segundo Pelúcio (2005) a transformação de travestis e transexuais é um processo de feminilização continuado e sem fim, que se inicia com a extração de pelos da barba, pernas e braços, afina-se as sobrancelhas, deixa o cabelo crescer e passa a usar roupas consideradas femininas. Depois começa a ingestão de hormônios femininos,

passando por aplicações de silicone líquido nos quadris e nos seios, até chegar a intervenções cirúrgicas mais radicais. Essa tem sido a trajetória de Pâmela, que consegue reunir recursos financeiros para tal fim. Tais investimentos no corpo lhe conferiu uma ascensão social. No entanto, nem todas conseguem esse objetivo.

No cruzamento das avenidas Dr. Theberge e Teodomiro de Castro, bem como a um quarteirão depois, nos cruzamentos da avenida Dr. Theberge com Rua Assunção, a realidade é diferente. Foram encontradas travestis e transexuais em diferentes estágios de modificação corporal. Do conjunto das sete que, cinco possuíam aspectos corporais nitidamente femininos, contra duas que se sobressaíam visivelmente os traços masculinos. Lidiane, Luana, Roberta, Débora e Jéssica², dotadas de seios, quadris largos, cintura fina, cabelos longos e gestos suavizados, conseguem reunir os signos que comunicam feminilidade e sensualidade aqueles que procuram por serviços sexuais. Enquanto que Joyce e Mônica³ não se enquadram num padrão estético sexualmente desejável, seja pelo pouco investimento no corpo, fazendo com que a obtenção de renda por meio da prostituição se torne precária. São elas também que carregam em seus corpos cicatrizes advindas de lutas corporais contra pessoas que fazem ataques transfóbicos e também com clientes, segundo relataram.

O fator renda deve ser tratado como um diferencial em relação ao conjunto de travestis e transexuais como um todo, pois marcam lugares diferentes no espaço social. O conjunto das travestis que estavam no trilho tem um ideário sobre o feminino que parece ser bastante homogêneo, ou seja, tem como representação a feminilidade segundo a matriz heterossexual, que tem que serem magras, ter formas arredondadas, cabelos compridos. Atingir esse objetivo determina a clientela que esta terá acesso. Os clientes mais pobres acessam as travestis que tem formas mais masculinizadas, ao passo que as mais femininas conseguem clientes com mais dinheiro, com carro próprio.

É importante traçar um comparativo entre essas e Pâmela. Com o objetivo de nos aproximar desse grupo, perguntei a Pâmela se ela conhecia alguma das meninas que trabalha trilho. Ela foi logo me dizendo que “muitas dali são bestas”. Quando argumentada, nossa interlocutora deixa claro a sua melhor posição social em relação as travestis e transexuais do trilho, por poder ter acesso a toda uma tecnologia estética que a torna "mais bonita" e melhor sucedida em seu processo de transformação. “Elas são

² Nomes fictícios, pois as interlocutoras pediram sigilo quanto as suas identidades.

³ Nomes fictícios, pois as interlocutoras pediram sigilo quanto as suas identidades.

muito covardes, desleixadas. Não saem daquele lugar. Sou bem mais jovem que elas e consegui mais destaque que elas”, nos revelam.

Na rua, a posição em que elas se encontram nesse lugar marca essas diferenças corporais existentes. Quando nos aproximamos do cruzamento da Avenida Themberg com a Avenida Teodomiro de Castro, Jéssica, a mais feminina entre todas elas, estava de pé, balançando os seus cabelos, movimentando o seu corpo de forma sensual. Segundo elas, é eleita a mais bonita para chamar atenção dos clientes, aquela de “parar o trânsito”. Geralmente o cliente pede para que ela se aproximar para que sejam feitas as negociações. “O cliente sempre procura a mais bonita”, relata Jéssica enquanto é vaiada pelas demais, no entanto, caso o cliente não possa pagar o preço pelo programa com a “isca”, ela compartilha a informação com as outras a fim de saber quem tem disponibilidade de assumir o programa.

Em relação ao lugar de moradia, as travestis e transexuais que estavam presentes no trilho afirmaram morar ali no próprio bairro. Entre os motivos apresentados por elas para essa proximidade estava relacionadas às facilidades logísticas e também como forma de evitar preconceitos. Geralmente as travestis e transexuais enfrentam muitas dificuldades de sair à rua à luz do dia, pois frequentemente sofrem agressões verbais e físicas, humilhações, escárnio e desprezo. “Quando saio na rua para resolver alguma coisa, tem sempre uma piadinha, tem sempre um engraçadinho. Se estou num dia bom, vou levando na graça. Mas quando estou com raiva de alguma coisa, aí tem briga”, revela Luana. “Aqui no bairro todo mundo já me conhece...”, afirma Roberta, “... então meio que as pessoas acabam se acostumando e param de falar, mas é difícil o dia que não falem da gente”, continua.

Humilhação e violência são constantes na vida das travestis e transexuais. A maioria delas passa por isso desde pelo menos a juventude, mas muitas sofrem violência desde criança. Pâmela revela que não terminou o ensino médio por medo de como os outros estudantes iriam reagir com essas mudanças. Entre terminar a escola e ir pra São Paulo ganhar dinheiro para realizar seu sonho, ela preferiu a segunda opção. As travestis e transexuais que encontramos no trilho possuíam diversos níveis de escolaridade, no entanto, nenhuma delas também concluiu o ensino médio, por motivações parecidas com a de Pâmela.

Com isso, elas se encontram impedidas de recorrer a equipamentos públicos como posto de saúde. Perguntamos se alguma delas frequentava o posto de saúde do bairro, “Faz muito tempo que não vou ao posto de saúde. Se tenho alguma doença, tomo

um remédio e pronto” comenta Débora. “Só vou pra hospital quando é uma coisa grave” nos relata Joyce, a mais quieta do grupo. No universo dos pesquisados dessa pesquisa, está uma funcionária do Posto de Saúde do bairro, a mesma pediu para não se identificada. Quando perguntamos se há um atendimento específico para transexuais e travestis, ela nega. Diz que o posto faz atendimento para a comunidade em geral, mas que não há um atendimento especializado para esse público. Relata ainda a pouca presença delas nesse equipamento de saúde, quando argumentamos o porque disso, ela afirma, “Aqui no bairro a gente vê mais eles durante a noite”.

Desde 2008 o Sistema Único de Saúde oferece terapia hormonal, cirurgia para a redução do pomo de adão, de adequação das cordas vocais e amputação do pênis e construção de neovagina e implante das próteses mamárias. Pâmela se submeteu a todos esses procedimentos, menos a amputação do pênis e construção da neovagina, pela rede particular, ou seja, teve que trabalhar e juntar dinheiro para realizar o seu sonho de construção corporal. As travestis e transexuais que conversamos no trilho desconhecem essa política. O posto de saúde não cria um instrumento necessário para que elas sejam encaminhadas a esse serviço. Acabam, portanto, aprendendo na própria lida. Uma dica a outra sobre que remédios e onde comprar e o silicone que delinea seus corpos é o líquido, o chamado hidrogel, que podem com o tempo causar problemas de saúde sérios.

Sendo impedidas de simplesmente transitar pela cidade, tendo que desenvolver redes de socialização muito específicas que fornecem ao mesmo tempo proteção, cuidados e pertença a um grupo social, ainda que a margem (PELÚCIO, 2005; BUSIN, 2015).

Perguntamos se elas têm medo de trabalhar a noite naquele local, já que tínhamos ouvido falar que tinha muitas práticas de assalto e homicídios. Elas relataram que trabalhar no local que moram e juntas lhe conferem algum tipo de segurança. “A gente é conhecida por aqui. Os daqui não mexem com a gente não. Às vezes a gente tem problemas com os clientes”, afirma Jéssica.

Jéssica revela que certa feita um traficante a procurou para fazer um programa. Ela afirmou que não faz uso de drogas de ilícitas, mas que durante a noite bebe, pois muitos clientes que procuram por elas vêm do circuito da noite. Segundo ela, durante o programa, o cliente tirou a arma e um pacote de cocaína e a obrigou a cheirar pó em cima da arma. As outras revelam que os clientes mais problemáticos são aqueles que vêm “colocados”, expressão que designa sob efeito de drogas. Além disso, muitas

pessoas, principalmente homens, para os carros para xingá-las e atirarem objetos. Elas mesmas afirmam que o seu principal medo é da homofobia.

No dia 07 de março de 2014, o corpo da travesti Poly foi encontrado retalhado nas margens do trilho próximo a estação de trem do bairro do Álvaro Weyne. Quando indagadas sobre esse caso, elas relatam que havia um rapaz que sempre passava insultando-as. Certo dia, esse mesmo rapaz queria fazer um programa. Como elas eram constantemente insultadas por ele, elas recusaram. O rapaz começou a agredi-las fisicamente. As travestis e transexuais acusam esse rapaz de terem assassinado a Poly. Procuramos informações sobre como está as investigações do caso no 33º Distrito Policial, responsável pelo policiamento no local. Segundo informações oficiais, o crime ainda tem uma motivação desconhecida, não houve nenhuma investigação.

A violência letal contra travestis e transexuais não é contabilizada de forma precisa. Muitas violências e crimes cometidos contra travestis, devido à confusão existente entre orientação sexual e identidade de gênero, são denunciados como praticados contra um homossexual, como faz a polícia quanto a imprensa ao discorrerem sobre os casos de violência letal contra transexuais e travestis, não as tratando conforme a identidade de gênero que elas comunicam a partir de seus corpos. Os nomes divulgados são os nomes presentes em suas certidões de nascimento, o que invisibiliza a violência cometida especificamente contra as travestis – o que é, em si, uma violência. Dessa forma, como nos aponta Busin (2015) “ao mesmo tempo em que elas são superexpostas, são também invisíveis” (p.27).

No imaginário social, travestis e transexuais são invariavelmente associadas à prostituição e à imoralidade (CARVALHO, 2011; ANDRADE, 2012, BUSIN, 2015), sendo sempre representadas de forma estereotipada e ridícula. É muito comum entre os homens que residem no bairro do Álvaro Weyne fazerem chacotas uns com os outros tendo como referência o trilho, como pudemos testemunhar na brincadeira entre os cunhados Roberio (51 anos) e Edson (53 anos). “Já vai pro trilho né?”, disse um ao outro em tom de gozação, querendo chamar o cunhado de homossexual.

A representação da travesti ou de transexuais como mulheres de mentira também são motivos de risada e chacota entre os homens, sobretudo quando eles se enganam. Servulo (58 anos) me relatou de forma humorada que estava com um grupo de amigos, saindo de uma noite de bebedeira e dentro do carro e abordaram uma trabalhadora do sexo na esquina da Avenida Theberge com Rua Assunção. “De longe era uma mulher bem feita, gostosa. Pedimos para ela se aproximar e dizer seu nome. Quando ela disse,

percebemos que era uma travesti. Perguntamos o nome verdadeiro dela e era o mesmo de um colega nosso que estava no carro. Fizemos muita hora com a cara dele. Até hoje frescamos com a situação”. Dentro do primado masculino, a pior humilhação para um homem consistiria em ser transformado em mulher. Esse fato tem uma raiz no princípio de inferiorização do eu feminino. O grau de reprovação da homo/transsexualidade na atualidade pode ser pensado a partir do lugar em que os xingamentos se situam dentro das sociabilidades masculinas. O que pode ser constatado nas conversas entre os familiares.

Nesse contexto de violência a que elas estão expostas, é comum entre os moradores da vizinhança presenciarem brigas entre as travestis e clientes, ou passantes que deferem xingamentos a eles, ou entre as próprias travestis. Devido a isso, parte dos moradores assimilou que as travestis e transexuais que fazem ponto no trilho oferecem perigo. "Elas são umas safadas que ficam fazendo obscenidade com quem passa" denuncia uma moradora da Rua Assunção que preferiu não ter o seu nome revelado. "Acho que eles são doentes. Um homem normal não se veste de mulher, não quer ser mulher. Isso é uma sem-vergonhice", afirma outro morador.

No mesmo espaço social, travestis e transexuais são procuradas e desejadas, são também consideradas marginais, criminosas, vergonhosas, obscenas e desocupadas. Para Ferreira (2009) tais desqualificações são projetadas pela sociedade maior sobre as travestis. Pois mesmo àqueles que as procuram, compartilham dessa mesma visão, tendo em vista que não querem ser associados a elas, mesmo as procurando para programa, e o elemento mais visível que alimenta essa visão é o desvio que cometeram ao violar o sistema de gênero.

Com isso vemos que as travestis e transexuais sofrem violência por se afastarem da conduta esperada (*habitus*) de pessoas do “sexo masculino”, abandonando a sua masculinidade valorizada e aproximando-se do feminino, desqualificado nas redes de poder e gênero. Verificamos ainda que as causas da violência contra elas são múltiplas. Mas o lugar simbólico ocupada por elas também é marcada por uma capacidade de resistir, transformar, criar e transgredir, tornando-se agentes de transformação de enorme potência. Tal potência se revela não apenas na presença delas nas ruas, o que já é muito, tendo em vista as inúmeras violências a que elas estão expostas, mas também a nível de organização enquanto grupo social. Ao dia 05 de junho de 2016, foi realizada a 1º Parada pela Diversidade Sexual do Álvaro Weyne. Tal evento foi marcado pela presença das transexuais e travestis que trabalham no trilho, afinal a festa acontecia

muito próxima de seu território; bem como outras travestis e transexuais, homossexuais e lésbicas; por falas políticas institucionalizadas ou não contra a transfobia; homenagens a transexuais e travestis assassinadas no bairro e adjacências, como Poly, e; uma grande festa com muitas atrações, tais como performances artísticas, "go go boys" (dançarinos) e música.

À guisa de conclusão

As observações em campo e as entrevistas com os diferentes agentes sociais que espacializam suas práticas no "trilho" nos aponta como um grupo de travestis e transexuais que se prostituem nesse espaço social são percebidas de uma forma generalizadora. A partir de uma análise bourdiesiana, a prostituição de travestis e transexuais nos mostra que as relações entre esses agentes se estabelecem a partir de uma matriz heterossexual, em que a divisão de trabalho entre os sexos e as representações sociais estão ligadas a esses agentes sociais estão coladas à imagem do masculino e do feminino, com a submissão do feminino ao masculino. Os corpos das travestis e transexuais são interpretadas de forma ambígua pelos diferentes agentes sociais, onde o preconceito e a intolerância ainda se põem como barreiras, inclusive no acesso aos bens serviços públicos de saúde e educação.

A prostituição, enquanto *habitus*, tem seus códigos e regras, onde os corpos produzidos por ela tem que comunicar uma extrema feminilidade e sensualidade. As diferenças corporais demarcam distintas posições sociais entre elas: quanto mais feminino, maiores as chances de obter melhores rendimentos, em função de serem estas as mais procuradas, quanto uma maior satisfação, tendo em vista que o desejo comum é o reconhecimento desses dispositivos.

Ainda que aja essa produção social em torno das corporalidades das travestis e transexuais, é preciso ir além de uma análise universalista, buscando na experiência única de cada sujeito, e sua relação com o corpo, as singularidades e especificidades, algo que essa pesquisa ainda pretende dar continuidade, tendo em vista que os dados e as análises aqui apresentadas são resultados de iniciais incursões no campo.

Referências

ANDRADE, Luma Nogueira. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação. Fortaleza, 2012.

ARILHA, Margareth, LAPA, Thaís de S., PISANESCH, Tatiane C. **Transexualidade, travestilidade e direito à saúde, Coleção Democracia, Estado Laico e Direitos Humanos**. São Paulo: Oficina Editorial, 2010.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Correa. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. **Meditações Pascalianas**. Tradução: Sérgio Micelli. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUSIN, Valeria Melki. **Morra para se libertar: estigmatização e violência contra travestis**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

BUTLER, Judith. **El género y disputa**. El feminismo y la subversión de la identidad. México. Paidós. 2001

_____. **Cuerpos que importan**. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires. Paidós, 2002.

_____. **Problema de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CARDOZO, Fernanda. Performatividades de gênero: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Ana Paula;

MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CARVALHO, Mario Felipe de L. **Que mulher é essa?** : identidade, política e saúde no movimento das travestis e transexuais. Dissertação (Mestrado). Insitituto de Medicina Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

FERREIRA, Rubens. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 2, 2009. p. 35-45.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. **Dragões:** gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, v. 25, 2005. p. 217-249.

PERES, Willian S. Travestis, cuidado de si e serviços de saúde: algumas reflexões. In: COSTA, Horácio *et al.* **Retratos do Brasil homossexual:** fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Edusp, 2010. p. 303 – 319.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher. **Textos didáticos**, v. 48, 2002. p. 7-42.

_____. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, n. 25, 2005. p. 7-23.

SILVA, Hélio. **Travesti:** entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Racco, 2007.